

O PRINCÍPIO DA SALIÊNCIA NA CONCORDÂNCIA VERBAL EM TRÊS CONTEXTOS INTERACIONAIS DISTINTOS

*Caroline Rodrigues Cardoso**

INTRODUÇÃO

Este artigo consiste em apresentar resultados parciais do projeto de pesquisa de Mestrado em Lingüística, desenvolvido sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Marta Scherre no Departamento de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade de Brasília, em que proponho a análise da relevância do contexto interacional na variação da concordância verbal, focalizando o discurso¹ de uma falante maranhense que vive há 10 anos na periferia urbana do Distrito Federal e exerce profissão de empregada doméstica.

Concentro-me, aqui, na discussão da atuação do princípio da saliência fônica da oposição singular/plural nos verbos em dados que obtive até o momento e comparo-os com dados de amostras de três diferentes cidades do Brasil: Rio de Janeiro, Florianópolis e João Pessoa. A partir de tal comparação, apresento resultados comprobatórios da importância dessa variável como um elemento do sistema lingüístico extremamente relevante para o fenômeno da variação da concordância verbal no Português do Brasil, doravante PB.

Além disso, demonstro que os postulados de Naro (1981) e Givón (1995) acerca de saliência e marcação são perfeitamente comprováveis pelos resultados de todas as pesquisas aqui citadas.

Na primeira parte do artigo, apresento sucintamente a base teórico-metodológica da análise aqui feita. Na segunda, aponto o *corpus* da pesquisa. Na terceira, procedo à apresentação e avaliação dos resultados deste e de outros estudos. Por fim, resalto a necessidade de um estudo comparativo mais aprofundado da atuação do princípio da saliência fônica no português falado em outros países e/ou em outras línguas.

1. BASE TEÓRICO-METODOLÓGICA

Sob a ótica da Sociolingüística Variacionista, a variação é inerente ao sistema lingüístico, cuja heterogeneidade é regulada por princípios não-aleatórios condicionados por fatores lingüísticos e não-lingüísticos.

A variação da língua leva a um processo de transformações que podem ou não desencadear uma mudança lingüística, brusca ou lenta, de ordem fonológica, morfológica, sintática, lexical. Pode haver também, segundo Tarallo (1997:63), formas lingüísticas em relação de contemporização, isto é, forma estável co-existindo com forma(s) rival(is).

* UnB - Universidade de Brasília.

¹ Ao longo do trabalho, quando eu fizer referência à palavra discurso, esta deverá ser entendida como fala (cf. Fairclough, 1999).

Weinreich, Labov e Herzog (1968:186) sugerem que uma mudança lingüística começa quando um de muitos traços característicos da variação na fala espalha-se por um subgrupo específico da comunidade de fala. Esse traço lingüístico assume, então, um certo significado social, simbolizando os valores sociais associados com aquele grupo. O processo de mudança está sujeito à aceitação e/ou aprovação dos valores sociais de um grupo por outro. Cabe ressaltar, então, a importância dos aspectos sociais no processo de mudança lingüística.

Bright (apud Anjos 1999:26) afirma que a mudança lingüística ocorre devido a vários tipos de influência: 1) Standardização – no caso de línguas em contato; 2) Pidginização ou criouliização – no caso do contato de duas línguas que resulta em uma nova língua com vocabulário derivado, principalmente da língua socialmente dominante, mas com uma gramática “drasticamente” simplificada; 3) Mudanças lingüísticas iniciadas por um único indivíduo ou por um grupo de indivíduos e depois imitadas por outros, podendo espalhar-se por uma sociedade inteira.

Para efeitos desse artigo, analiso um aspecto morfossintático em variação no PB – a concordância de número entre sujeito e verbo - que gera discussões acerca de uma possível mudança em progresso. Procedo à verificação de fala no plano individual, levando em consideração o contexto interacional em que está inserida a informante, a qual representa exatamente o tipo de indivíduo cotado para ser o primeiro plano da mudança lingüística (cf. Bright apud Anjos 1999:26).

A partir da análise da variável saliência fônica dos verbos, Naro (1981:64) postula que a perda da concordância de 3ª pessoa no PB configura uma mudança sintática em progresso. Ainda segundo o mesmo autor, a mudança começa no ambiente lingüístico cuja percepção é quase nula, ou seja, no ambiente onde a diferença entre as formas singular/plural dos verbos é muito sutil. Nos termos de Givón (1995: 25-28), a mudança começa num ambiente não-marcado, ou seja, num ambiente estruturalmente mais simples.

Guy (1989:235), em contrapartida, defende a hipótese de que a saliência não “é uma categoria da gramática, um traço interno do sistema lingüístico”. Para ele, “ela é essencialmente de natureza extralingüística ou psicolingüística”, logo não se deve buscar as origens da oposição morfológica dos verbos na mudança da língua, mas num processo de criouliização e descriouliização. No entanto, essa divergência não constitui objeto de discussão neste artigo.

Tomando como base os estudos de Naro (1981), de Naro e Scherre (1999), de Anjos (1999) e de Monguilhot (2001), com as devidas diferenças, apresento comparações dos resultados e conclusões a respeito da variável oposição morfológica da forma verbal. É importante salientar que outros grupos de fatores, além da saliência fônica, entram em jogo na presente análise, como a presença ou ausência de sujeito, o tipo de sujeito – incluindo pospostos, quantificadores, expressões genéricas e indeterminado –, a pessoa gramatical do sujeito – inclusive ‘a gente’ e ‘nós’ – e os elementos intervenientes entre sujeito e verbo, mas não foram selecionados pelo programa como relevantes para a análise do fenômeno em questão.

Segundo Naro (1981: 74-75), há uma hierarquia morfológica de categorias que reflete a crescente saliência na oposição singular/plural dos verbos. Ele efetuou uma divisão em dois grandes conjuntos, cujos elementos formam pelo menos três subconjuntos. Num primeiro nível, estão os pares de verbos com **oposição menos saliente**, ou seja, **menos marcada**. Num segundo, os pares com **oposição mais saliente** ou **mais marcada**.

Givón (1995; 25-28) defende que a marcação é algo não só intuitivo, mas também cognitivo. Postula que a marcação pressupõe **complexidade estrutural** – estruturas marcadas tendem a ser mais complexas do que as não-marcadas –; **frequência** – categorias marcadas tendem a ser menos frequentes do que as não-marcadas –; e **complexidade cognitiva** – estruturas marcadas tendem a ser mais complexas do que as não-marcadas em termos de esforço, atenção e processamento. O autor ressalta ainda, em seu texto, que a marcação é dependente do contexto. Não é objetivo aqui a discussão do que seja contexto, mas fica claro que Givón (1995: 29) o considera como tipo de discurso, isto é, se oral-informal ou escrito-formal.

Nesta pesquisa, aplico a divisão hierárquica tal qual foi estabelecida em Naro (1981) para analisar o grupo de fatores ‘saliência fônica’. Os resultados comprovam as postulações de Naro (1981) e de Givón (1995) acerca de saliência e marcação, como apresentarei mais adiante. Abaixo, apresento exemplos encontrados em meus dados:

NÍVEL 1: [-SALIENTES] = oposição [- MARCADA]

1A - não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural - [-i]/[-ĩ]:

Exemplos: (005) *Eu gosto de rezar por todos que merece.*
 (010) *As outras não vive.*
 (233) *As parteira que entendem.*
 (176) *Queriam só que os filhos fossem pra roça.*

1B - envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural - [-a]/[-ũ].

Exemplos: (015) *Elas vivia com eles.*
 (174) *Os pais tinham preconceito.*
 (235) *Eles pagava muito pouco.*
 (237) *Eles tiravam a metade.*

1C - envolve acréscimo de segmentos na forma plural - [-Ø]/ [-ĩ].

Exemplos: (019) *As pessoas que tiverem ouvindo essa fita me desculpe por eu ter falado só do meu pensamento.*
 (072) *Eu estou vendo mesmo vocês passarem a fita pra ouvir.*
 (105) *Tenho lutado muito, pedido meu pai [inint] mais minha mãe pra vim pra cá, mas eles num quere.*
 (135) *Eles são desonesto porque promete uma coisa e não faz.*

NÍVEL 2: [+ SALIENTES] = oposição [+ MARCADA]

2A - envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural - [-a]/[-ãw].

Exemplos: (043) *Os menino vão dormi sem jantar?*
 (050) *Tá muito cara as passage.*
 (060) *Deus e Nossa Senhora vai ter compaixão dele.*
 (070) *Vocês vão manga muito de algumas coisa errada.*
 (078) *Eles tão mais[...]*

2B - envolve acréscimo de segmentos sem mudança vocálica na forma plural - [-ew/-erũ, -iw/-irũ, -oy/-orũ].

Exemplos: 033) *E quem já tinha moradia e tudo recebero já, entendeu?*
 (125) *Muitos fez e já recebero.*

- (220) *Eles foram embora.*
 (232) *Eles nasceram na casa da minha mãe.*

2C - envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural - [-o/-arũ].

- Exemplos:** (007) *Casô quatu amiga minha também.*
 (013) *Dos pais delas elas num aguentaro.*
 (035) *Eles compraro.*
 (041) *Meus menino jantaro.*
 (057) *Os médico falaro.*
 (069) *As coisa que vinha na minha cabeça já cabô tudo.*
 (164) *Os menino ligaro a lâmpada.*
 (239) *Meus filho falou[...]*

2D - classe especial - único caso - envolve mudança completa - é/são.

- Exemplos:** (029) *É vinte e três reais.*
 (030) *É água e luz, entendeu?*
 (048) *São três passage.*
 (049) *É muito cara as passage.*
 (066) *Muitos anos de vida são meus voto de felicidade.*
 (079) *Eles são maravilhosos pra mim.*
 (131) *Político tudo são iguais.*
 (142) *Meus filho é tudo que eu tenho na vida.*
 (166) *Os nordestino são os que mais fala errado.*
 (171) *É muito difícil as coisa.*

2E - envolve mudanças da sílaba tônica - [-Ø/-erũ, -i/erũ].

- Exemplos:** (011) *Elas disse que ela mesmo não.*
 (124) *Na época que ele fez, muitos fez.*
 (165) *Eles viero junto comigo pra cá.*

2. O CORPUS ANALISADO

Até o momento, constituem *corpus* provisório deste trabalho três gravações feitas em 1999, com uma informante de 40 anos, casada e mãe de um casal de filhos. Ela freqüentou um grupo escolar durante três anos na região onde nasceu, Baixão das Porteiras, interior do Maranhão. Atualmente, mora no Rajadinha, bairro da periferia urbana do Distrito Federal, perto de Planaltina – Goiás. Trabalha como empregada doméstica há 8 anos para uma família de classe média de Brasília.

Em sua casa apenas a filha adolescente estuda. O esposo é analfabeto, mas assina o nome. O filho não estuda, mas trabalha. O lazer dela se restringe a “ouvir música sertaneja no rádio” e “assistir as novelas e os telejornais da Globo”. Gosta de ler e de pescar. Também gosta de viajar para visitar a família no Maranhão. Tem uma ligação muito forte com os primos e a irmã que moram em Águas Lindas – Goiás, cidade do entorno do Distrito Federal. Além dos parentes, tem algumas amigas na vizinhança.

A rede social ou rede de relações da informante pode, então, ser dividida em dois campos sociais diferentes:

- territorial (o bairro onde ela mora e o bairro onde ela trabalha);
- relações pessoais (o esposo, os filhos, os conhecidos, os parentes mais próximos, os padrões).

As gravações foram realizadas em três contextos diferentes de interação. Num primeiro momento, a informante gravou sozinha, sem interlocutor, 60 minutos de conversa sobre assuntos diversos, principalmente sobre sua vida pessoal. Esse contexto foi considerado informal.

Depois, foi feita uma entrevista de 60 minutos por três estudantes universitárias do curso de pós-graduação em Lingüística da Universidade de Brasília, na casa de uma das entrevistadoras, que é patroa da informante. Nesse contexto há um grau intermediário de formalidade porque a entrevistada não conhecia duas das entrevistadoras.

Por fim, foi realizada uma entrevista de 60 minutos, também no local de trabalho da informante, por uma professora universitária. Esse foi eleito o contexto formal porque ambas as participantes do evento não se conheciam e a entrevistadora tratou de assuntos relacionados à língua, sotaque, diferenças regionais, o que, segundo Bortoni-Ricardo (2002: 335-336), eleva o grau de monitoração.

Como são dados de uma única falante, não procedo à análise estatística de variáveis sociais como escolaridade, idade e sexo; mas, provavelmente, o fato de a informante ser do sexo feminino e ter 40 anos de idade, somados ao seu contato com pessoas de classe média e com meios de comunicação como rádio e televisão, eleva o grau de monitoração da própria fala nos diferentes contextos, aumentando a taxa de concordância entre verbo e sujeito.

Para Naro (1981:64), a elevada frequência de uso de variantes populares no PB – leia-se ‘verbo sem marca explícita de plural’ ou ‘falta de concordância’ – é influenciada pelos anos de escolarização e pela classe social dos indivíduos. No caso aqui apresentado, estamos diante de uma situação diferente da mostrada por Naro em seu estudo de 1981: a informante, de classe menos favorecida e com poucos anos de escolarização, possui uma frequência de plural explícito nos verbos da ordem de 57% num conjunto de 189 dados.

A pesquisa tem de ser aprofundada porque, talvez, esteja havendo influência de aspectos que analisei, mas que Naro não considerou em sua análise de 1981 (cf. p. 64-65), tais como expressões de tempo com o verbo SER, sujeito indeterminado, sujeito formado por expressões genéricas e sujeito posposto.

3. RESULTADOS E ANÁLISE

Foram levantados dez grupos de fatores de cunho lingüístico e um grupo de fatores de cunho social. Os grupos de fatores selecionados pelo programa como mais relevantes para a análise do fenômeno em estudo, nesta etapa do trabalho, foram: **traço semântico do núcleo do sujeito; tipo de marca formal do núcleo do sujeito; saliência fônica do verbo e contexto de gravação.**

Os resultados comprovaram a hipótese de que quanto mais saliente/mais marcada a oposição singular/plural entre os pares verbais, maior a explicitação de plural no verbo.

Vejamos as tabelas:

Presente estudo			Naro (1981)		
Fator	Frequência	Peso	Fator	Frequência	Peso
[- saliente]			[- saliente]		
Nível 1A (<i>merece/merecem</i>)	1/8 = 12%	.06	Nível 1A (<i>come/comem</i>)	110/755 = 14,6%	.07
Nível 1B (<i>pagava/pagavam</i>)	25/63 = 39%	.23	Nível 1B (<i>fala/falam</i>)	763/2540 = 30%	.19
Nível 1C (<i>faz/fazem</i>)	4/10 = 40%	.31	Nível 1C (<i>faz/fazem</i>)	99/273 = 36,3%	.26
[+ saliente]			[+ saliente]		
Nível 2A (<i>vai/vão</i>)	16/24 = 66%	.64	Nível 2A (<i>dá/dão</i>)	604/927 = 65,2%	.58
Nível 2B (<i>recebeu/receberam</i>)	7/8 = 87%	.82	Nível 2B (<i>comeu/comeram</i>)	266/365 = 72,9%	.69
Nível 2C (<i>comprou/compraram</i>)	34/39 = 87%	.83	Nível 2C (<i>falou/falaram</i>)	524/672 = 78%	.78
Nível 2D (<i>é/são</i>)	18/31 = 58%	.60	Nível 2D (<i>é/são</i>)	539/662 = 81,4%	.79
Nível 2E (<i>disse/disseram</i>)	4/6 = 66%	.67	Nível 2E (<i>disse/disseram</i>)	97/116 = 83,6%	.80
Total	109/189 = 57%		Total	3002/6310 = 47,6%	

Tabela 1: Efeito da saliência fônica na presença de marca explícita de plural no verbo

A tabela 1 demonstra que verbos do **nível 1** – menos salientes –, como *merece/merecem*, *pagava/pagavam*, *faz/fazem*, abaixam o peso relativo da concordância. O mesmo não se dá com verbos do **nível 2** – mais salientes –, como *vai/vão*, *recebeu/receberam*, *comprou/compraram*, *é/são*, *disse/disseram* –, que aumentam o peso relativo da concordância entre sujeito e verbo.

No presente estudo, um conjunto de 189 dados apresenta 109 verbos no plural (57%). Destes, 30 enquadram-se no **nível 1** e 79, no **nível 2**. Os resultados de Naro (1981), também na tabela 1, obtidos com a análise de amostras do MOBREAL², apresentam um número total de dados 30 vezes maior. Mesmo assim, há grande semelhança com os resultados do presente trabalho.

Os pesos relativos obtidos evidenciam nitidamente os níveis de saliência propostos por Naro (1981): há uma escala crescente do peso relativo no **nível 1**, que vai da classe 1A até a 1C (.06, .23, .31) – no presente estudo – e (.07, .19, .26) – em Naro (1981) –, comprovando que uma menor ocorrência de plural explícito no verbo se dá em função da menor saliência do mesmo.

No **nível 2**, o peso relativo cresce, nos resultados de Naro (1981), da classe 2A até a 2E (.58, .69, .78, .79, .80), mas, nos resultados desta pesquisa, ele cresce da classe 2A até a 2C (.64, .82, .83), cai em 2D (.60) e cresce um pouco mais em 2E (.67). Uma possível

² MOBREAL - Agência de Alfabetização do Governo Brasileiro. Dados de fala do Rio de Janeiro.

explicação para essa pequena diferença entre as classes do **nível 2** é a proximidade, segundo Naro (1981), entre os tipos de verbo das classes 2C e 2E. O número de dados da classe 2E, na presente análise, também é bem menor em relação à classe 2C: $4/6 = 66\%$ e $34/39 = 87\%$, respectivamente.

Além disso, há o efeito de dados de naturezas diferentes nas duas pesquisas, como o tipo de sujeito (indeterminado, expressões genéricas e pospostos) e as expressões de tempo com verbo SER, por exemplo, que Naro desconsidera em sua análise de 1981.

Como Naro (1981) efetuou rodadas em que as classes com comportamento estatístico semelhante – 2C, 2D, 2E – foram amalgamadas, também apresento resultados obtidos com a amalgamação dessas três classes do **nível 2**:

Presente estudo			Naro (1981)		
Fator	Frequência	Peso	Fator	Frequência	Peso
[- saliente]			[- saliente]		
Nível 1A (<i>merece/merecem</i>)	1/7 = 14%	.04	Nível 1A (<i>come/comem</i>)	110/755 = 14,6%	.11
Nível 1B (<i>pagava/pagavam</i>)	26/61 = 42%	.30	Nível 1B (<i>fala/falam</i>)	763/2540 = 30%	.26
Nível 1C (<i>faz/fazem</i>)	4/9 = 44%	.20	Nível 1C (<i>faz/fazem</i>)	99/273 = 36,3%	.35
[+ saliente]			[+ saliente]		
Nível 2A (<i>vai/vão</i>)	17/24 = 70%	.68	Nível 2A (<i>dá/dão</i>)	604/927 = 65,2%	.68
Nível 2B (<i>recebeu/receberam</i>)	7/8 = 87%	.74	Nível 2B (<i>comeu/comeram</i>)	266/365 = 72,9%	.78
Nível 2C (<i>comprou/compraram</i>)	54/73 = 73%	.70	Nível 2C (<i>falou/falaram</i>)	1160/1450 = 80%	.85
Total	109/182 = 59%		Total	3002/6310 = 47,6%	

Tabela 2: Efeito da saliência fônica na presença de marca explícita de plural no verbo

Pela tabela 2, o **nível 1** apresenta uma irregularidade na escala de saliência nos resultados da presente pesquisa. Há uma tendência à redução de concordância nas classes 1A e 1C, com pesos relativos .04 e .20, respectivamente; e uma elevação da concordância para .30 na classe 1B. O número de dados é muito pequeno se comparado ao de Naro (1981), em que os pesos relativos do **nível 1** permanecem praticamente os mesmos em relação aos resultados sem amalgamação (cf. tabela 1).

O **nível 2** apresenta uma tendência à elevação de presença de plural na classe 2B, com peso relativo de .74, enquanto as classes 2A e 2C, esta última amalgamada a 2D e 2E, diminuem a presença de marca de plural no verbo, com pesos relativos de .68 e .70, respectivamente.

A diferença dos pesos relativos entre uma classe e outra do **nível 2** é muito pequena, não chegando a .05. No **nível 1**, a diferença do peso relativo da classe 1A para as outras é maior do que .15 no presente estudo (cf. tabela 2); logo, são realmente os verbos da classe

2A os que apresentam menor chance de elevar a explicitação de plural no verbo. Os verbos que possuem maior tendência a elevar a concordância são os da classe 2B.

Nos resultados de Naro (1981), os verbos da classe 1A são os que menos elevam o uso de marca de plural no verbo. E os da classe 2C são os que mais elevam. Estão bastante polarizados os resultados, crescendo progressivamente da classe 1A até a 2C, diferentemente dos resultados do presente estudo, em que não há escala progressiva.

É importante efetuar comparações com amostras de outras pesquisas que levaram em conta a amalgamação feita por Naro (1981). Confiramos os resultados:

Fator	Naro & Scherre (1999)		Anjos (1999)		Monguilhot (2001)	
	Frequência	Peso	Frequência	Peso	Frequência	Peso
[- saliente]						
Nível 1A	202/463	= .15	124/463 = 32%	.24	25/101 = 25%	.02
Nível 1B	44%	.37	591/1240 = 48%	.39	638/802 =	.46
Nível 1C	1159/1766	= .38	114/240 = 47%	.43	80%	.13
	66%				68/103 = 66%	
[+ saliente]	188/567	=				
Nível 2A	70%	.64	217/334 = 65%	.60		.88
Nível 2B		.67	123/162 = 76%	.81	125/130 =	.65
Nível 2C		.75	462/595 = 78%	.79	96%	.75
	585/718	=			85/102 = 83%	
	81%				310/345 =	
	212/260	=			90%	
	82%					
	1023/1158	=				
	88%					
Total	2879/3928	=	1653/3034 =		1251/1583 =	
	73%		54%		79%	

Tabela 3: Efeito da saliência fônica do verbo na presença de marca explícita de plural

Naro & Scherre (1999), em análise de uma amostra do PEUL³, obtiveram resultados numa escala crescente ‘perfeita’ de explicitação do plural nos dois níveis (cf. tabela 3). No **nível 1**, ela vai de .15 (classe 1A), passando por .37 (classe 1B), até .38 (classe 1C). No **nível 2**, o crescimento continua de .64 (classe 2A), para .67 (classe 2B) até chegar a .75 (classe 2C).

Em Anjos (1999), que analisou essas mesmas classes numa amostra com dados do VALPB⁴, os resultados para plural explícito foram crescentes no **nível 1**: .24, .39, .43. No **nível 2**, houve resultados parecidos com os do presente estudo, ou seja, as classes 2A e 2C tendendo para a diminuição de marca explícita de plural no verbo, com pesos relativos em

³ PEUL - Programa de Estudos sobre o Uso da Língua - dados de língua falada na área urbana do Rio de Janeiro.

⁴ VALPB - Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba - levantamento dos dados de língua falada na comunidade de João Pessoa.

.60 e .79, respectivamente; e a classe 2B, com peso relativo de .81, tendendo para o aumento de marca de plural no verbo (cf. tabela 3).

Os resultados do **nível 2**, em Anjos (tabela 3) e no presente estudo (tabela 2), apresentam a mesma tendência de elevar e, logo em seguida, diminuir a presença de marca de plural no verbo. Enquanto no presente estudo há uma variação de .04 tanto na elevação como na diminuição dos pesos relativos no **nível 2**; em Anjos (1999), essa variação é .21 na elevação e .02 na diminuição.

Os resultados de Monguilhot (2001), cuja análise baseou-se em dados do VARSUL⁵, foram bem díspares (cf. tabela 3). A escala de concordância do **nível 1** cresceu de .02 (classe 1A) para .46 (classe 1B) e depois caiu para .13 (classe 1C), ou seja, tende a ocorrer mais marca de plural nos verbos da classe 1B. Já no **nível 2**, houve um decréscimo de .88 (classe 2A) para .65 (classe 2B) e um crescimento para .75 (classe 2C). Os verbos da classe 2A são os que mais elevam a presença de marca de plural no verbo.

Nem todos os resultados aqui demonstrados apresentam a escala regular crescente que postulou Naro em seu estudo de 1981. Entretanto, de uma maneira geral, comparando os **níveis 1 e 2** entre si nas pesquisas apresentadas, percebe-se que verbos com oposição menos saliente – ou não-marcados – são responsáveis pela diminuição da taxa de concordância entre verbo/sujeito; enquanto verbos mais salientes – ou marcados – elevam essa taxa.

Para comprovação disso, efetuei amalgamação entre as classes do **nível 1** e entre as do **nível 2**. Os resultados foram os que estão na tabela 4, abaixo:

Fator	Frequência de plural explícito	Peso
[- saliente]	31/82 = 37%	.25
[+ saliente]	79/108 = 73%	.70
Total	110/190 = 57%	

Tabela 4: Efeito da saliência fônica do verbo na presença de marca explícita de plural

A tendência de explicitar o plural nos verbos do **nível 2**, ou mais salientes, é da ordem de .70 ou 73%, como mostra a tabela 4. Uma diferença de .45 em relação à explicitação de plural nos verbos do **nível 1**. Isso pode ser explicado, nos termos de Givón (1995), pela maior complexidade cognitiva e estrutural dos pares verbais marcados. Devido à maior diferença entre o singular/plural desse tipo de verbo, o falante evita produzi-lo e, quando o produz, procura fazê-lo com a marca de plural.

No caso do fenômeno em foco neste trabalho – concordância verbal –, a avaliação social possui grande peso para que o falante produza a variante padrão. Entram em jogo a escolaridade, a classe social, o gênero e a idade do falante. Com certeza a falta de concordância ainda é bastante estigmatizada no meio social brasileiro, sendo considerada ‘erro’ pela escola e demais instituições sociais. A visão que impera a respeito da concordância verbal é a normativista.

⁵ VARSUL - Banco de Dados do Projeto Interinstitucional Variação Linguística Urbana na Região Sul - dados de informantes de Florianópolis.

Relevando-se as diferenças entre as pesquisas, todos os resultados, aqui apresentados, mostram a grande regularidade que há no PB de favorecimento ou não da presença explícita de marca de plural no verbo, a depender de sua oposição morfológica ser mais ou menos complexa cognitiva e estruturalmente.

Como nesta análise a variável social também tem um peso importante, não poderia deixar de explicitar os resultados da análise do contexto de gravação. Na tabela 5, a seguir, fica claro que, como hipotetizado inicialmente, o nível de concordância é crescente do contexto menos formal para o mais formal, passando por um nível intermediário de concordância num contexto mais ou menos formal.

Fator	Frequência	Peso
[- formal]	22/55=40%	.35
[± formal]	41/74=55%	.46
[+ formal]	46/60=76%	.70
Total	109/189=57%	

Tabela 5: Contexto de gravação

Os resultados corroboram a hipótese de que o contexto mais formal eleva a explicitação de plural no verbo: dos 60 verbos presentes nesse contexto, 46 estão no plural, o que corresponde a 76%, ou um peso relativo de .70.

A situação a que denominei mais ou menos formal, possui uma influência média na concordância, conforme demonstram os números: de 74 verbos que aparecem nessa entrevista, 41 estão no plural, ou 55%. O peso relativo dessa variante é de .46. Um pouco abaixo da média .50.

O contexto menos formal apresenta a menor taxa de concordância entre sujeito e verbo: dos 55 verbos presentes nesse contexto, apenas 22 estão no plural, o que corresponde a 40% ou um peso relativo de .35, resultados bem abaixo da média.

Em termos de Givón (1995), o contexto mais formal corresponde ao marcado. É, então, esperado que, nesse contexto, o falante não se sinta tão à vontade para utilizar a variante não-padrão, ou seja, o verbo sem concordância. Nesse contexto, a avaliação social é bem evidente, até mesmo do próprio falante, cuja fala é mais monitorada, conforme os resultados da tabela 5 demonstraram.

4. CONCLUSÕES

Da análise apresentada, alguns aspectos merecem destaque. Em primeiro lugar, há evidências fortíssimas da regularidade do efeito da saliência fônica na explicitação ou não de plural no verbo em sentenças do PB. Ressaltando que a análise desse fator sempre deverá vir acompanhada da análise de outros como presença/ausência de sujeito na sentença; presença/ausência de elementos intervenientes e natureza desses elementos, como bem declarou os diversos autores aqui citados que estudaram essa variável.

Em segundo lugar, fica claro que ainda há caminho a percorrer nos estudos sobre mudança sintática no PB. Há necessidade de se efetuar mais pesquisas com dados de outras

regiões do país, com comunidades fechadas e, ainda, com comunidades de outros países lusófonos para se proceder a comparações entre os resultados.

O processo de mudança lingüística começa pela variação no discurso de algumas pessoas; propaga-se e passa, em seguida, a ser adotada por um grande número de falantes a ponto de haver oposição entre duas ou mais formas; e, depois, uma das formas se realiza e alcança regularidade pela eliminação das formas rivais. Em relação ao PB, não se sabe se a variação da concordância verbal culminará numa mudança, deixando de existir uma ou outra variante. Este estudo trata da variação na fala de um indivíduo, o que, teoricamente, desencadeia o processo de mudança. E os resultados são comprobatórios da existência de variação da concordância com tendência maior à utilização de verbos no plural.

Em terceiro lugar, os resultados acerca da análise da variável social ‘contexto interacional’ denotam a atitude da informante de percorrer o *continuum* de monitoração (cf. Bortoni-Ricardo: 2002:334-335), mesmo sendo de classe popular e não tendo um alto grau de escolarização, conforme era esperado de falante com alto grau de escolarização e de classe social alta.

Por fim, o futuro desta pesquisa é comparar os resultados de um *corpus* de discurso feminino com os resultados de um *corpus* de discurso masculino para saber o peso do fator gênero no fenômeno em estudo. Também ambiciono refinar a análise das redes sociais, medir a diferença entre as classes sociais e o grau de escolaridade e elaborar pontos mais incisivos para a análise de formalidade estilística.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Sandra Espínola dos. **Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala dos pessoenses**. 1999. Dissertação. (Mestrado em Lingüística). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPB, João Pessoa.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Um modelo para análise sociolingüística do Português do Brasil. In: BAGNO, Marcos. **Lingüística da Norma**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 333-350.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: NELI/CEAM/UnB, 1999.

GIVÓN, Talmy. Markedness as meta-iconicity: distributional and cognitive correlates of syntactic structure. In: _____. **Functionalism and grammar**. Philadelphia: John Benjamins, 1995. p. 25-69.

GUY, Gregory R. On the nature and origins of popular Brazilian Portuguese. In: **Estudios sobre Espanhol de América y Lingüística Afroamericana**. Bogotá, 1989. p. 227-245.

LAWRENCE; ROBINSON; TAGLIAMONTE. **Goldvarb 2001**: A multivariate analysis application for windows. Julho de 2001.

MONGUILHOT, Isabel de O. e S. **Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos**. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) - UFSC, Florianópolis.

NARO, Anthony Julius. The social and structural dimensions of a syntatic change. **Language**: LSA, Baltimore, v. 57, n. 1, p. 63-98, mar. 1981.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, M^a Marta P. A influência de variáveis escalares na concordância verbal. *A cor das letras*. Revista do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, n. III, p. 17-34, dez. 1999.
TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1997.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Empirical foundations for a theory of language change**. Austin: University of Texas Press, 1968.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. Estágios na aquisição do inglês standard. Trad. Luiza L. B. Lobo. In: FONSECA, M. S.; NEVES, M. F. (orgs.). **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 49-85.

_____. Social networks. In: _____. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 2001. p. 325-365.